

# O CÃO DAS LÁGRIMAS EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* DE SARAMAGO: UM MODO DE PENSAR O HOMEM E O MUNDO

Maria Luísa de Castro SOARES\*

- **RESUMO:** Partindo de uma metodologia qualitativa de base documental, analisa-se a bibliografia ativa, designadamente, o romance *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, abarcando-se igualmente outras modalidades genológicas do autor, textos de diversos tipos, sobretudo entrevistas, justapondo e revisitando o parecer autoral dentro de um recorte que pretende evidenciar a figura do cão das lágrimas como personagem de sentimentos e valores humanos. A revisitação da obra *Ensaio sobre a cegueira* segundo este prisma conduz-nos a uma reflexão sobre função da escrita e do escritor José Saramago que se demarca de todos aqueles que, inspirados na polémica expulsão dos poetas da República ideal por parte de Platão, associavam a poesia à imoralidade ou à inutilidade. Ao invés, a escrita saramaguiana aproxima-se do pensamento dos escritores que fazem a apologia da criação literária, tendendo a considerá-la como uma parte ou um instrumento da filosofia moral. Com base no exposto, este artigo pretende contribuir para sistematizar o conceito de homem e de mundo para José Saramago, através da figura do cão enxuga-lágrimas, que se apresenta em conformidade com o pensamento do autor textual e empírico no tocante a valores humanistas como a fraternidade e a igualdade, em defesa lucidez e da liberdade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Ensaio sobre a cegueira*; José Saramago; cão das lágrimas; visão do homem e do mundo; valores; filosofia moral.

## Introdução

*Ensaio sobre a Cegueira* é um romance que se constrói em torno das personagens que o integram, sendo os agentes elementos imprescindíveis para desmontar a estratégia narrativa e a pragmática arquitetada (SILVA, 2011).

A mulher do médico, “cuja intervenção na ação, posicionamento no espaço e conexões com o tempo contribuem para revelar a sua centralidade indiscutível” (REIS; LOPES, 2000, p.193) é a protagonista, uma vez que funciona como “o núcleo ou o ponto cardeal por onde passam os vetores que configuram funcionalmente as outras personagens” (SILVA, 2011, p. 699) e a história.

---

\* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Departamento de Letras, Artes e Comunicação. Professora Associada com Agregação. Centro de Estudos em Letras. Investigadora. Vila Real – Portugal. 5000-801. Isoares@utad.pt.

Artigo recebido em 05/04/2022 e aprovado em 08/08/2022.

A ação desta narrativa tem início com a inesperada cegueira que atinge um condutor anônimo, numa cidade também anônima. Após este acontecimento estranho, o fenômeno vai revelar-se inquietante, pois a cegueira não é uma cegueira comum, é uma cegueira branca, luminosa e contagiosa.

Após atingir o condutor, a cegueira alastra-se ao acompanhante que o leva a casa (o futuro ladrão do carro), à mulher do condutor, ao oftalmologista que o consulta e a todos os doentes deste, que se encontram no consultório. Mais tarde, toda a população é atingida por esta estranha cegueira, com exceção da mulher do médico.

Estas e outras personagens vão isolar-se em quarentena no manicômio, espaço de sofrimento e ambiente de caos. Dele sairão, guiados pela mulher do médico - a única que vê e que lidera o grupo - sete personagens que simbolizam a humanidade na sua variedade sexual, etária e profissional<sup>1</sup>: o médico, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho estrábico e a própria mulher do médico.

Mais tarde, o grupo que se cruzara inicialmente no consultório vai seguir a sua caminhada por uma cidade descaracterizada, devido à imundície e à desorganização. Neste espaço urbano labiríntico, também a mulher do médico se sente desorientada, perdida, desesperada e é neste momento que surge o cão das lágrimas que a vai guiar e consolar até ao final da narrativa e que ressurgirá, seguindo-lhe os passos até ao assassinio de ambos em *Ensaio sobre a lucidez*, obra que estabelece com a primeira uma relação paragramática intertextual homo-autoral (SILVA, 2011). Como o próprio Saramago o reconheceu, nos seus *Cadernos de Lanzarote*:

Todo o discurso, escrito ou falado, é intertextual, e apetecia mesmo dizer que nada existe que não o seja. Ora, sendo isto, creio, uma evidência do quotidiano, o que ando a fazer nos meus romances é procurar os modos e as formas de tornar essa intertextualidade geral literariamente produtiva (SARAMAGO, 1996, p. 172).

## A cegueira como anti-humanismo

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, a mulher do médico - porque vê - é a única que tem autonomia para atuar, sendo aquela que conduz as restantes personagens na caminhada libertadora que se constitui como alegoria na obra. Em torno dela surgem outras personagens, cuja ação menor e dependente da ação da protagonista as categoriza num segundo plano, designadamente, as seis personagens que a seguem e o cão das lágrimas.

O cão das lágrimas surge inesperadamente do meio de uma matilha, trazido pelo destino, e aproxima-se da mulher do médico num momento em que esta se encontra em total desespero e desorientação. Os outros cães ignoram a mulher [“Os cães rodaram-na,

---

<sup>1</sup> As sete personagens simbolizam a humanidade. No dizer de Chevalier e Gheerbrant, o “sete é [...] o símbolo da totalidade humana, ao mesmo tempo macho e fêmea, da união dos contrários e da resolução do dualismo. Por isso é símbolo da unicidade e da perfeição, do homem perfeitamente realizado” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 860-861).

farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer...” (SARAMAGO, 2003, p. 185)]. Mas este cão, ao contrário dos outros, aproxima-se e lambe-lhe as lágrimas - ato que lhe vale o epíteto pelo qual o narrador o tratará até ao fim da narrativa -, consola-a e “indica-lhe” o mapa que a leva a encontrar o caminho de regresso a casa:

Quando enfim levantou os olhos, mil vezes louvado seja o deus das encruzilhadas, viu que tinha diante de si um grande mapa, desses que os departamentos municipais de turismo espalham no centro das cidades, sobretudo para uso e tranquilidade dos visitantes, que tanto querem poder dizer aonde foram como precisam saber onde estão (SARAMAGO, 2003, p. 185).

O cão das lágrimas torna-se o único companheiro visual da mulher do médico, um cúmplice ativo capaz de a compreender e acompanhar. Do ponto de vista da economia do texto, ele vai dar um novo impulso à narrativa. É através do cão das lágrimas que contactámos com a solidão e o desespero da mulher do médico, é através dos pensamentos dele que a intriga se dinamiza e, à medida que a ação se desenrola, o cão das lágrimas ganha o estatuto de figura ou personagem, revelando sentimentos, qualidades mentais e atitudes superiores às do homem:

Os cães foram ficando para trás, alguma coisa os distraiu pelo caminho, ou estão muito habituados ao bairro e não querem deixá-lo, só o cão que tinha bebido as lágrimas acompanhou quem as chorara, provavelmente este encontro da mulher e do mapa, tão bem preparado pelo destino, incluía também um cão. O certo é que entraram juntos na loja, o cão das lágrimas não estranhou ver pessoas estendidas no chão, tão imóveis que pareciam mortas, estava habituado (SARAMAGO, 2003, p. 186).

O cão das lágrimas, em *Ensaio sobre a Cegueira*, desempenha funções de agente ou actante, sendo que o narrador projeta nele ou exprime através dele os seus valores (SILVA, 2011).

Sem alcançar a linguagem verbal, nem perder o seu estatuto de animal, encarna um certo número de propriedades antropomórficas ao possuir qualidades psicológicas, morais e sociais específicas do ser humano. Além do mais, é em torno dele que a ação ganha uma nova dinâmica contrária à lógica dos cegos que se vão pautando por valores de anti-humanismo, ganhando comportamentos desajustados, gerados pelo instinto de sobrevivência e pelo desejo de poder e dominação do outro:

A morte anda aí pelas ruas, mas nos quintais a vida não acabou, disse a velha misteriosamente, Que quer dizer, Os quintais têm couves, têm coelhos, têm galinhas, também há flores, mas essas não se podem comer, E como faz, É conforme, umas vezes apanho umas couves, outras vezes mato um coelho ou uma galinha, Crus, Ao princípio acendia uma fogueira, depois habituei-me à carne crua, e os talos das couves são doces, fiquem descansados que de fome não morrerá a filha da minha mãe (SARAMAGO, 2003, p. 194).

O comportamento das personagens humanas altera-se completamente, as suas características sociológicas de *ser de relação* desvanecem-se no decorrer da narrativa, sendo que o cão das lágrimas ganha relevo com esta inversão das características das personagens cegas, cuja cegueira é alienação, perda de quadros de referência de valores. Na verdade, o facto de o homem ser o único que perde a capacidade de ver enfatiza o distanciamento existente entre o animal e o ser humano, saindo este em desvantagem face ao primeiro.

É o cão das lágrimas que vai interagir com a personagem principal e intensificar a carga simbólica da obra onde a distopia consiste na alegoria da falência da razão, porque o homem não a usa para benefício do bem comum (MADURO, 2016). Na verdade, *Ensaio sobre a Cegueira* convida-nos à descoberta de um universo autónomo de significação que traz em si uma série de figurações e, consequentemente, de linhas simbólicas (TRESIDDER, 2000) que nos remetem para uma interpretação que vai para além do sentido literal. É um facto que o símbolo “pressupõe uma ruptura de plano, uma descontinuidade, uma passagem a uma outra ordem; introduz numa ordem nova de múltiplas dimensões” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 13-14). Assim, a cegueira branca, que alastra a toda a sociedade, simboliza a incapacidade que o homem tem de olhar para dentro de si próprio, é uma cegueira intelectual, emocional, não apenas física, mas de valores e o cão das lágrimas é revelador da forma saramaguiana de pensar o homem como ser no mundo e para o mundo, por meio de uma obra que responde aos desafios do nosso tempo (NOGUEIRA, 2021).

## **O cão das lágrimas e a questão da igualdade, fraternidade, liberdade**

*Ensaio sobre a Cegueira* é uma obra povoada por personagens sem nome, é um universo de vidas humanas perdidas no anonimato ao qual a cegueira as condena. Estas personagens mergulham num mundo de sofrimento e de caos, em dramas interiores que têm refrigério nos olhos da mulher do médico condutora do grupo dos sete, que a seguem desde o interior do manicómio. É ela que mata o chefe dos cegos malvados, exploradores, orientados pela lógica do lucro, da violência social e pela corrida ao poder, que podem ser encarados como uma alegoria do capitalismo nos seus efeitos destrutivos. É ela e que, de certa forma, contribui para o fim da subjugação humana ao dissolver o bando. No entanto, esta mulher forte, destemida, que conduz a humanidade, também tem as suas fraquezas e, após sair do manicómio e mergulhar no “labirinto demente” em que a cidade se transforma, perde as forças e desorienta-se. É neste momento que surge o cão das lágrimas com as feições de um adjuvante, e que traz à narrativa um aporte simbólico que consiste na defesa das regras de convivência social, sendo as suas atitudes um apelo à compaixão, ao amor pelo outro e à solidariedade (RINGEL, 2022).

O cão das lágrimas transforma-se no guia da mulher do médico e do grupo dos sete, contribuindo assim para uma renovação da humanidade. A própria narrativa, que se caracteriza pela imobilidade desde o início, após o encontro com o cão, ganha uma nova dinâmica, havendo uma evolução no desenrolar da ação. Efetivamente, “os movimentos

do cão contrastam com as marcas de petrificação do ambiente, ou de instinto larvar desenvolvido pela maioria dos cegos” (SEIXO, 1999, p. 113). O cão das lágrimas torna-se o companheiro da mulher do médico e reforça-lhe a confiança, a sua força e vitalidade, portanto, não sendo humano, vê melhor que os humanos e faz com que a mulher esteja um pouco menos circundada e inebriada pela cegueira dos outros.

À medida que a ação se desenrola, o cão, humano pelo sentir, vai ganhando contornos de companheiro fiel, consolo e guia, que atua em prol do grupo, do coletivo. Curiosamente, os mundos animais invertem-se, pois as restantes personagens vão perdendo as características humanas que lhes deveriam ser inerentes. De modo inversamente proporcional aos humanos, que vão regredindo e regressando a comportamentos básicos e animalescos, o cão, animal de relevo que na ficção saramaguiana, coloca-se num patamar superior de sentimentos e ações. Este facto sobressai, no *Ensaio sobre a cegueira*, não só pelo afastamento do cão das lágrimas relativamente ao comportamento animalesco dos homens, mas também pela sua diferença face ao comportamento dos outros cães que “já se parecem com hienas” por “morderem em quem não se podia defender” (SARAMAGO, 2003, p. 190-191). De igual modo se destaca a relação especial que se desenvolve entre “o cão-enxuga-lágrimas” e a mulher do médico que “representa um olhar diferente, uma linguagem nova, uma linguagem corporal, táctil, afectiva, capaz de acordar neles uma esquecida humanidade comum” (MATEUS, 2017a, p. 8-9). O cão das lágrimas é, pois, um companheiro de jornada que deixa sobressair a questão da igualdade, da fraternidade e que representa a generosidade, o altruísmo. Efetivamente, “O cão das lágrimas não veio pedir comida, estava habituado a jejuar, além disso deve ter pensado que não tinha o direito, depois do banquete da manhã, de tirar um pouco que fosse à boca da mulher que tinha chorado” (SARAMAGO, 2003, p. 216).

No contexto da narrativa, o cão das lágrimas é dotado de valores humanos tal como são proclamados na *Declaração Universal dos Direitos do Homem* pelo “reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana”<sup>2</sup> que os sete do grupo simbolicamente representam. Junto do grupo, o cão é um igual e “age para com os outros em espírito de fraternidade” (art. 1º)<sup>3</sup>: “O mal deste cão foi ter-se chegado tanto aos humanos, vai acabar por sofrer como eles” (SARAMAGO, 2003, p. 243).

A questão da igualdade revela-se, também, através dos sentimentos que o narrador nos comunica. O cão das lágrimas, tal como os humanos, tem medo da morte: “O cão das lágrimas aproxima-se, mas a morte intimida-o, ainda dá dois passos, de súbito o pêlo encrespou-se-lhe, um uivo lacerante saiu-lhe da garganta” (SARAMAGO, 2003, p. 243). Esta igualdade no sofrimento é compaixão, cumplicidade e fraternidade. O cão é, pois, o único que compreende a mulher do médico, que pressente a sua angústia e sente-se inquieto por não poder alterar a situação de caos: “O cão das lágrimas apareceu

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Declaracao-Universal-dos-Direitos-Humanos.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

<sup>3</sup> Artigo 1º | “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/01/Declaracao-Universal-dos-Direitos-Humanos.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

na varanda, desassossegado, mas agora não havia choros para enxugar, o desespero era todo dentro, os olhos estavam secos” (SARAMAGO, 2003, p. 213).

Por identificação projetiva, o cão das lágrimas sente o terror na mesma medida da mulher do médico e transmite-o como os humanos, pois quando encontraram os mortos na cave “o cão das lágrimas uivou longamente, lançou um grito que parecia não acabar mais, um lamento que ressoou no corredor como a última voz dos mortos que se encontravam na cave” (SARAMAGO, 2003, p. 245). Ele entende os sentimentos da mulher e sabe quando o seu consolo é inútil: “não há nenhuma maneira de enxugar lágrimas como estas, só o tempo e o cansaço as poderão reduzir” (SARAMAGO, 2003, p. 245).

Uma tal projeção conduz-nos à questão de saber se o cão das lágrimas pode ser visto como voz do autor empírico, do autor textual ou do narrador ou de todos eles como integrantes do *mito pessoal* saramaguiano. Efetivamente, apesar de haver uma distinção teórica entre autor empírico, autor textual e narrador, isso não implica que não possam existir “estreitas afinidades ou semelhanças entre todos eles” (SILVA, 2011, p. 227). As observações e os pensamentos do cão das lágrimas são, na verdade, transmitidos pelo narrador do texto que conhece o íntimo da personagem. Além disso, as personagens são, na obra de Saramago, uma das componentes narrativas suscetíveis de investimentos ideológicos, em relação às quais o narrador estabelece relações de afinidade ou de distanciamento. E a relação imediata das personagens com o narrador é um elemento muito importante no que diz respeito ao desvendar das ideologias associadas ao autor textual (REIS, 1981) que é “uma entidade que existe efetivamente num texto concreto e no universo do discurso da literatura e cuja voz produz, sob o aspeto formal, enunciados reais, comunicando através deles com recetores reais” (SILVA, 2011, p. 227).

## **A cegueira da razão e a lucidez através da figura do cão**

A obra *Ensaio sobre a Cegueira* inicia uma poética marcada pela descrença na perfeitibilidade e vem repensar a comunidade humana. José Saramago, através desta obra, adverte a sociedade para a desunião dos homens, para a sua irracionalidade e consequente cegueira. Sobre a obra, o autor empírico refere nos seus *Diálogos*, editados por Carlos Reis, o seguinte: “É o indivíduo em situação. E o *Ensaio* é sobre o que chamo o comportamento irracional de seres dotados de razão, que somos nós” (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 45), sendo que o cão das lágrimas “nos obriga a sair do nosso antropocentismo cultural” (MATEUS, 2017b).

O autor textual, consciente da crise de valores atual, reflete as suas opiniões por meio do cão das lágrimas e transmite os seus pensamentos através do narrador, havendo uma relação de implicação entre o escritor, o enunciador e o enunciado produzido. Este facto não é alheio a José Saramago, pois o próprio afirma em entrevista à *Visão*:

No fundo, gostaria de ser professor. Tenho uma espécie de preocupação pedagógica, até excessiva. Creio que isso é consequência da minha relação com o narrador.

Continuo a pensar que o narrador não existe, quem existe é o autor, que tem uma história na cabeça e a quer passar para o papel.

E como isto para mim é quase uma regra de ouro, estou presente, admito que às vezes até demais, no que escrevo. Não para falar de mim, mas para dar as minhas opiniões, as minhas “sentenças” (SARAMAGO *apud* VASCONCELOS, 2003, p. 96).

É um facto que, em certos textos narrativos, o autor textual assume imediatamente a função de narrador. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, através do narrador interventivo - característico da obra saramaguiana - as ações das personagens constroem opinião. O cão das lágrimas tem a capacidade de pensar, de sentir e de manifestar as suas “sentenças”, em conformidade com a ideologia do autor que procura conferir dignidade, liberdade e felicidade à atuação do Homem na esfera terrena, liberto de dogmas e de princípios mortificadores ou repressivos. Poderá ter sido essa grandeza de carácter que o fez criar a dupla mulher do médico e cão das lágrimas que, na ação do texto, carregam com a responsabilidade dos outros homens, espicaçando-os à liberdade ou, pelo menos, à identidade. Em entrevista a José Vasconcelos, Saramago revela que

Há uma implicação constante minha em cada página, em cada linha, em cada palavra que escrevi. Eu há muito digo que todos os livros, e já agora em particular os meus, deviam levar uma cinta com estas palavras: atenção, este livro leva uma pessoa dentro (SARAMAGO *apud* VASCONCELOS, 2003, p. 98).

Tendo em conta que o narrador e o autor textual se podem confundir e que estes veiculam opiniões e uma ideologia, podemos considerar o cão das lágrimas uma personagem icástica no universo fantástico de *Ensaio sobre a Cegueira*: “é um cão humano, se assim se pode dizer, face ao ambiente de desumanização, ou de animalidade, que se gerou” (SEIXO, 1999, p. 113). Imagem da lucidez no contexto da ação narrativa, o cão é também o porta-voz do autor textual através do qual este procura veicular uma mensagem de amor, de libertação, de clarividência que exalta no homem, a lucidez.

Relativamente à função da escrita e do escritor na obra, pensamos que José Saramago se demarca de todos aqueles escritores que, inspirados na polémica expulsão dos poetas da República ideal por parte de Platão, associavam a poesia à imoralidade ou à inutilidade. Ao invés, a sua escrita aproxima-se do pensamento daqueles que fazem a apologia da criação literária, tendendo a considerá-la como uma parte ou um instrumento da filosofia moral, enfatizando, por conseguinte, a ideia de que cabe à literatura ensinar princípios, transmitir verdades e orientar moralmente o Homem, procurando dotá-lo dos valores.

Consideramos que a obra de José Saramago é expressão do *docere cum delectatione* (ensinar deleitando) para fazer os homens melhores. Neste sentido, a sua obra em geral e *Ensaio sobre a cegueira*, em particular, devem ser vistas como um meio, um instrumento que visa o aperfeiçoamento do indivíduo e do ser humano, fazendo a otimização da gestão da *res publica*, mediante a ativação de uma consciência crítica e questionadora. Assim sendo, dá primazia à função pedagógica, formativa ou moralizadora (*utile*) em detrimento da finalidade lúdica, estética ou evasiva (*dulci*), se bem que ele também não descure esta

vertente e daí a recepção universal da sua obra, que o próprio reconhece: “É isto, no fundo: os meus leitores encontram nos meus livros a pessoa que eu sou e gostam. Sou um homem de sorte” (SARAMAGO *apud* VASCONCELOS, 2003, p. 96).

Distante dos romances de ação, *Ensaio sobre a Cegueira* é uma obra marcada pelo estatismo, logo “não admira que alguns segmentos significativos sejam constituídos por cenas exemplares, envolvidas por certa retórica e simbolismo” (SEIXO, 1999, p. 116), uma vez que se trata de “um romance sobre a identidade humana, e sobre a natureza concreta do espaço que a institui” (SEIXO, 1999, p. 116). A cegueira branca, “o mar de leite”, é a aniquilação da imagem do *ser*, da figura humana e de tudo o que a rodeia. Neste contexto de simbologia, o cão das lágrimas surge no romance como a personagem que vê o homem na sua essência, que o guia e que com ele se confunde.

O cão surge, nas diversas mitologias, associado à morte, aos infernos, ao mundo subterrâneo, aos impérios invisíveis regidos pelas divindades etonianas ou selénicas. Na presente obra, podemos considerar a cidade à qual os cegos regressam saídos do manicômio, esse mundo de caos infernal, no entanto, o símbolo do cão é mais abrangente, pois “a primeira função mítica do cão universalmente atestada é a de psicopompo, guia do homem na noite da morte, depois de ter sido seu companheiro no dia da vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 152).

Na cidade, espaço que se encontra povoado pela morte, o cão das lágrimas, companheiro e guia, introduz uma nota de esperança na reabilitação de valores humanos que se concretiza no final da narrativa pelo retorno da visão e faz da obra *Ensaio sobre a cegueira* um romance “do nosso tempo e para o futuro. Um futuro que [...] [Saramago] deseja livre de guerras e ódios, faltas de diálogo e egoísmos, megalomanias e tiranias” (NOGUEIRA, 2022, p. 3).

As lágrimas e a chuva ansiosamente esperada representam, no seu conjunto, a água purificadora e regeneradora que lavará toda a imundice e reformará a sociedade cega por dentro e por fora, conduzindo-a ao renascimento. O cão das lágrimas é, neste contexto, aquele que conduzirá a humanidade em direção à regeneração e, portanto, a um mundo melhor, liberto de uma cegueira ontológica. Pela capacidade de sentir, pela fidelidade à mulher do médico, pelo entendimento incomum entre ambos é quase uma evocação do cão mitológico e expectante Argos, de Ulisses<sup>4</sup>. Efetivamente, na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, a mulher do médico, no momento da libertação, um momento único de exaltação e felicidade, abraça-se ao cão das lágrimas, pois existe entre eles um entendimento, um olhar cúmplice fora do comum:

O cão das lágrimas veio para ela, este sabe sempre quando o necessitam, por isso a mulher do médico se agarrou a ele, não é que não continuasse a amar o seu marido, não é que não quisesse bem a todos quantos se encontravam ali, mas naquele momento foi tão intensa a sua impressão de solidão, tão insuportável, que

---

<sup>4</sup> “Ali, pois, estava deitado o cão Argos, todo coberto de piolhos. Então, quando reconheceu Ulisses que estava perto dele, agitou a cauda e deixou cair as suas duas orelhas, mas já não teve força para se aproximar do dono. Este, ao vê-lo, virou-se para enxugar uma lágrima, a qual lhe foi fácil esconder de Eumeu [...]” (HOMERO, 1990, p.188).



lhe pareceu que só poderia ser mitigada na estranha sede com que o cão lhe bebia as lágrimas (SARAMAGO, 2003, p. 253).

## Considerações finais

A obra *Ensaio sobre a Cegueira* conduz a uma reflexão sobre os comportamentos humanos decorrentes de uma situação de cegueira súbita e inesperada, sendo que a cegueira representada é uma alegoria: trata-se da cegueira dos valores da sociedade capitalista moderna, desumanizada, onde o desespero é gerador de violência e de crueldade. Numa lógica de esforço pela sobrevivência, no meio do caos, surge a humanidade do cão das lágrimas que é companheiro, amigo e guia da mulher do médico e, ambos, simbolizam a possibilidade da vida como um lugar de encontro com o Outro. Nesta era neobarroca (CALABRESE, 1999) da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), ambos representam valores sólidos, designadamente, a compaixão, a amizade e o amor como vias de descoberta da verdadeira humanidade. O cão das lágrimas, após todo o percurso que fez com a mulher do médico, descansa, sem no entanto a perder de vista: “O cão das lágrimas, deitado, com o focinho sobre as patas dianteiras, abria e fechava os olhos de vez em quando para mostrar que continuava vigilante” (SARAMAGO, 2003, p. 255).

Se, no dizer de Saramago, *o mundo é péssimo*, o destino do homem é passível de uma recriação. Eis a nota de esperança do autor textual que *não é pessimista*, como o comprova a recuperação final da visão que significa a recuperação dos valores e da dignidade humana assente na tríade: liberdade, igualdade, fraternidade.

Num mundo de miséria e ignomínia, onde se dá a aniquilação total da imagem humana, o cão das lágrimas é o ícone da lucidez, capaz de incutir uma nova resistência à mulher do médico, sendo porta-voz do autor textual que, por meio da personagem, visa reconduzir a humanidade à clara visão da sua essência. Na verdade, no dizer de José Saramago, “no *Ensaio* não se lacrimam as mágoas íntimas de personagens inventadas, o que ali se estará gritando é esta interminável e absurda dor do mundo” (SARAMAGO, 1996, p. 58).

Em contexto de cegueira moral, o cão que acompanha a mulher do médico representa simbolicamente a defesa dos valores éticos e de responsabilidade social defendidos pelo próprio José Saramago que, em entrevista concedida ao *Público* e à *Rádio Renascença*, afirma:

Gostaria de ser recordado como o escritor que criou a personagem do cão das lágrimas. É um dos momentos mais belos que fiz até hoje enquanto escritor. Se no futuro puder ser recordado como “aquele tipo que fez aquela coisa do cão que bebeu as lágrimas da mulher”, ficarei contente. Se alguém procurar naquilo que eu tenho escrito uma certa mensagem, atrevo-me pela primeira vez a dizer que essa mensagem está aí. A compaixão dessa mulher que tenta salvar o grupo em que está o seu marido é equivalente à compaixão daquele cão que se aproxima de um ser humano em desespero e que, não podendo fazer mais nada, lhe bebe as lágrimas (SARAMAGO, 2008).

Resta dizer em suma que, por meio da dupla mulher do médico e cão das lágrimas se revela uma dimensão ética e educativa na obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago. Estas personagens capazes de *ver* e de *reparar*, possibilitam ao escritor difundir, ao longo da obra, um conjunto de valores que permitem identificar uma ética e uma pedagogia coerente e em perfeita e saudável harmonia com uma vida pautada e alicerçada no dever e no elevado sentido de responsabilidade individual e social. O próprio Saramago afirma, em entrevista a Ana Dias, o seguinte:

Se todos meus personagens tivessem que ser esquecidos, menos um, eu escolheria o cão das lágrimas [...] um cão grande que se aproxima dela [a mulher do médico] e lhe lambe as lágrimas [...], o cão das lágrimas que é mais que compaixão, é amor [...], a *pessoa*, que vem consolar outra *pessoa* (JOSÉ..., 2006).

Irmanado na angústia, em cumplicidade com o *pathos* da mulher que vê, o cão das lágrimas representa o *ethos* e a mundividência de José Saramago. Autor textual e cão das lágrimas fundem-se no *epos* do escritor que, como guia, sempre lutou por um mundo como local e ambiente de objetivos coletivos contra a *cegueira* da razão (JOSÉ..., 1998) em favor da liberdade do homem.

SOARES, M. L. de C. The dog of tears in Saramago's *Blindness*: a way of thinking about man and the world. **Revista de Letras**, São Paulo, v.62, n.1, p.105-116, 2022.

- **ABSTRACT:** *Using a qualitative, documentary-based methodology, the active bibliography is analyzed, namely, the novel Ensaio sobre a cegueira by José Saramago. We also focus on other genological modalities of the author, texts of different types, especially interviews, to revisit the authorial opinion on the figure of the dog of tears. This dog is a character of human feelings and values. The analysis of the work Ensaio sobre a cegueira according to this prism leads to a reflection on the function of writing and the writer José Saramago. The author thinks that literary creation as a part or an instrument of moral philosophy. Based on the above, this article aims to contribute to systematize the concept of man and the world for José Saramago, through the figure of the dog wipes tears. This dog is a projection of the textual and empirical author's thinking, with regard to humanist values: fraternity and equality, in the defense of lucidity and freedom.*
- **KEYWORDS:** *Blindness; José Saramago; dog of tears; vision of man and the world; values; moral philosophy.*

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALABRESE, O. **A Idade Neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1999.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos Símbolos**. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.

HOMERO. **Odisseia**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.

JOSÉ Saramago (entrevista Ana Sousa Dias). [S. l.: s. n.], 2006. 1 vídeo (55min). Publicado pelo canal Letrasinverso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4OjpbODwM8k>. Acesso em: 16 fev. 2023.

JOSÉ Saramago - 26/10/1998. Porto Alegre, 1998. 1 vídeo (57min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wt8qVW2xlzU>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MADURO, D. C. Cão das lágrimas (José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira/Ensaio sobre a lucidez*). **Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa**, 2016. Disponível em <http://dp.uc.pt/conteudos/entradas-do-dicionario/item/756-cao-das-lagrimas>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MATEUS, I. C. **Do animal ao inanimal**: figurações canídeas na obra de José Saramago. Braga: Universidade do Minho, 2017a. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/49884/1/Do%20animal%20ao%20inanimal%20Figurac%CC%A7o%CC%83es%20cani%CC%81deas%20J.%20Saramago.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MATEUS, I. C. O cão das lágrimas. **Revista Caliban**, [s.l.], 2017b. Disponível em: <https://revistacaliban.net/o-c%C3%A3o-das-l%C3%A1grimas-a429d4d5b243>. Acesso em: 16 fev. 2023.

NOGUEIRA, C. José Saramago: escrevo para compreender. **Cincinnati Romance Review**, Cincinnati, n.53, p. 1-4, 2022.

NOGUEIRA, C. *et al.* **José Saramago e os desafios do nosso tempo**. Barcelona: Ed. Universidade Autônoma de Barcelona, 2021.

REIS, C. **Diálogos com Saramago**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

REIS, C. **Técnicas de Análise Textual**. Coimbra: Almedina, 1981.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 2000.

RINGEL, M. Solidarity, Responsibility, and Irony as Tools for the Developing of an Ethical Sensitivity in Saramago's work. **Cincinnati Romance Review**, Cincinnati, n.52, p. 78-94, 2022.

SARAMAGO, J. "Não sou um exemplo do que é viver neste mundo". [Entrevistadores: Maria José Oliveira (Público) e Paulo Magalhães (Renascença)]. 2008. Disponível em: <https://www.publico.pt/2008/06/15/jornal/nao-sou-um-exemplo-do-que-e-viver-neste-mundo-265084>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a Cegueira**. Barcelona: Bibliotex Editor, 2003.

SARAMAGO, J. **Cadernos de Lanzarote, Diário III**. Alfragide-Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

SEIXO, M. A. **Lugares da Ficção em José Saramago**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa-da-Moeda, 1999.

SILVA, V. M. A. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, 2011.

TRESIDDER, J. **Os Símbolos e o seu significado**. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

VASCONCELOS, J. C. O Mundo de Saramago. **Visão**, [s./l.], n. 515, p. 92-101, 2003.